

1912

—
Março 9



N.º 7

—
Volume 1.º

A MASCARA

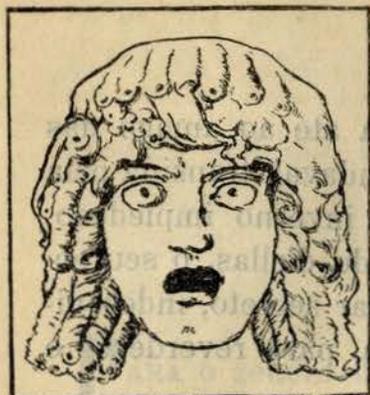
Arte — Vida — Theatro

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

50 Réis

LIVRARIA FERIN, EDITORA
Baptista, Torres & Ct.ª
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA



A MASCARA

Arte — Vida — Theatro

Lisboa 9 de Março de 1912

XXII — Saudação ás olaias.

EM Lisboa, aonde as andorinhas já noticiadas, de varios pontos do paiz, chegam tardas e raras, a Primavera — deusa d'alleluias, que, neste chuvosissimo anno, se aguarda com um todo ancioso, amoroso, sobresalto — tem nas olaias prematuras as suas nuncias mais amaveis e fieis.

Com o seu florir bizarro, soffrego, de chofre, que, de um dia para o outro, transmuda uma mólhada de troncos hirtos num cardume avelludado de petalas meudas, ellas, logo apoz o Fevereiro das violetas — córadas como pudores alarmados de menina; de uma cor indecisa entre um rubro victorioso de purpura e um maguado roxo de viuvez — são a puberdade da terra, acordando para o mysterio sagrado das nupcias e dos beijos: nupcias abrilinas do campo engalanado; beijos ledos de Maio, quando os labios do sol osculam Flora em plena bocca.



Que segredo esse da vossa felicidade, olaias garridas, presumidas, alvoroçadas!

Pareceis donzellas pobres, mostrando-se muito acieidas antes das outras, a ver se casam primeiro — que é o dote das pobres acordar cedo...



A' desolação da terra alagada, dorida até ao amago das vergastadas da chuva e dos açoites do vendaval, transida pela dor tremenda—oxalá fecunda!—de um inverno impiedoso, barbaro, carrasco, foi, todavia, a mocidade d'ellas, o seu entusiasmo pela vida, haurir, com o tentear secreto, indesanimavel, das suas raizes, a força, a seiva, para reverdecer e dar flor.

No ceo empannado, lobrego, carrancudo, é ainda, sem frio, inverno, como, sem calor, é inverno nos corações do sul, que a invernica abate e entristece.

D'isso não cuidam ellas. Com a arrogancia despreoccupada, inconsciente, de creanças entrando a brincar e a rir numa camara enluctada, irrompem por ahi as olaias com o sorriso rosado da sua menineira graça, expondo descuidadas ao agual incommovivel a sua nubil virgindade de carmim.



E são tão ingratos e frouxos os poetas d'esta terra, que nenhum, que eu saiba, vos celebrou até agora como merecieis, pontuaes olaias mensageiras de Março, olaias de boa-nova, que me fazeis sempre sonhar na linda festa que seria — se vós pensasseis nellas ou ellas curassem de vós — ver pousar a primeira andorinha arribada no ramo da primeira olaia florida!



XXIII — *A Casta Suzana*, Opereta em 3
actos de Ochontowsky, traducção de Acca-
cio Antunes, musica de Jean Gilbert.
(Theatro Avenida 1 de Março)

PARA o genero da moderna opereta austro-germanica, alem dos dois ramos — o das elegancias suspeitas e o dos costumes exóticos — a que no passado numero **A Mascara** alludiu, uma terceira divisão se poderia estabelecer, com inteira justiça: a das peças roubadas.

Não primam, na verdade, por demasiada honestidade de processos, muitos dos fazedores d'essas miscelaneas lyrico-dramaticas; a começar nos da *Viuva Alegre* — modelo da especialidade — que não passa de um decalque de *L'Attaché d'Ambassade* de Meilhac.

Mais que decalque, plagio descarado, manifesta roubalheira, é *A Casta Suzana*, sabbado estreada em Lisboa, e que de allemão só tem o rotulo, certos compassos de valsa, e varias coplas acompanhadas a beijos — no segundo acto, já se vê, com o Champagne da praxe.

Assigna-a um nome estapafurdio, que vejo escripto de muitas maneiras, e opto por orthographar Ochontowsky. Pois este Ochontowsky, Okonkowsky ou Okoukoski, foi-se, muito bregeiramente a um mais que bregeiro *vaudeville* francez, traduziu-o com ligeirissimas alterações, matriculou-o entre as operetas allemãs, e, arranjando um maestro — Jean Gilbert — da mesma empalmante força, para encaixar a martello na descabellada farça alguns numeros de musica repisada, e egualmente subtrahida aos direitos, deve ter-se ficado a rir do esplendido negocio, deante da sua rotunda caneca de cerveja.

Com dois actos de baixa comedia, onde a musica entra como Pilatos no Credo — deveras hilariante o primeiro e o terceiro divertido — descamba o segundo acto d' *A Casta Suzana* numa verdadeira reinação de baile de mascaras pela

madrugada gorda; num pagode d'arromba, a que a parte feminina da companhia do Avenida deu exagerada e desconhecida desenvoltura.

Mais contida nos seus traços geraes, constituiria *A Casta Suzana* uma satyra descaravel aos premios de virtude concedidos em França pela Academia. Tal como se apresenta, disparatada, desavergonhada, fazendo garbo na libertinagem, é, apenas, uma serie de peripecias apimentadissimas, de grosseiro quilate e pouca actualidade.

Essa ideia do *Moulin-Rouge*, hoje em dia decahido e mal frequentado, arvorado ainda em perigoso e irresistivel templo da orgia parisiense, authentica, com varios outros pés de galinha, a idade do primitivo original.



Suzana, a casta, mulher do perfumista *Pomarel*, a quem já enganou em Trouville com *Renato*, tenente de cavallaria, ganhou o premio de virtude, reservado ás esposas exemplares, por influencia do *Barão des Aubrais*, sabio hypocrita, inventor de uma theoria sobre o atavismo, cuja entrada na Academia se festeja ao principiar a peça, com versos : Riche-lieu... Tem o *Barão des Aubrais* uma filha, *Jacqueline*, namorada de *Renato*, e um filho, *Humberto*, que arde por provar o gosto ao amor. Naquelle lar, tudo é virtude e compos-tura, graças á severa disciplina do pae. A proposito da sua eleição, reúnem-se, porem, lá: a casta *Suzana*, o marido, o ex-amante *Renato*, e ainda um tal *Charencey*, casado com *Rosa Pomarel*, como general da reserva, tem de partir para as manobras. *Suzana*, a quem o corpo pede folia, combina com *Renato* irem para a esturdia. *Renato*, apaixonado por *Jacqueline*, endossa a antiga amante a *Humberto*. Por seu turno, *Jacqueline*, curiosa de visitar logares suspeitos, exige que o noivo a leve ao *Moulin-Rouge*. Combinado. São nove horas da noite. Fiel aos seus principios de trazer por casa, o *Barão des Au-*

brais dá com as boas noites ordem de recolher, e todos se retiram para os seus aposentos. Mal a creada apaga a luz, começam todos a sahir da toca ás escondidas. Primeiro, *Renato* e *Jacqueline* em bicos de pés; depois, *Humberto*, em meias, com um quadro que despendura para pôr no prego; por ultimo, o sabio academico, que, ha muito, costuma passar as suas noites no *Moulin-Rouge*.

E' no *Moulin Rouge* o segundo acto, onde successivamente nos apparecem os pares formados por *Humberto* e *Suzana*, por *Jacqueline* e *Renato*, pelo *Barão des Aubrais*, volvido *Lulu*, e *Rosa* mulher de *Charencey*; e finalmente *Pomarel*, que perdeu o comboio, e *Charencey*, desprevenido, com o commissario de policia, para a barafunda final.

No terceiro acto, tudo volta á paz do lar, antes de um passeio ao campo, e antes da noite, em que *Renato* ficará com *Jacqueline* em ante-vesperas de casorio, e *Humberto* e o pae trocarão no *Moulin-Rouge* as amantes da vespera, pois que até á ultima palavra quizeram os auctores explorar impudentemente o eterno ridiculo de Menelao.



No desempenho, ha a salientar José Ricardo, deveras feliz no *Barão des Aubrais*, e Amarante, muito discreto no *Humberto*. Do lado feminino, Cremilda d'Oliveira fez bem o terceiro acto, e Adriana de Noronha, uma principiante, cantou com certa afinação.

O scenario, apparatuso, é de mau gosto, e de peor gosto são os trajes, no geral assanhadissimos.



XXIV — A Canção Portugueza desde o
seculo XVI até á actualidade. (Theatro
da Republica 3 de Março)

LINDA palavra esta: a canção — suggestiva, breve, ligeira, su-
jeita á moda, nascida do capricho, fragil, brilhante, como
um relicario de crystal, que pode conter, enternecedora, uma
lagrima ou, malicioso, encerrar um sorriso; ser, na graça ai-
rosa dos seus leves versos, na cadencia simples da sua melo-
dia, uma tragedia condensada, toda uma comedia hilariante,
um processo justiceiro de historia, o segredo mais intimo da
alma de um povo, a alma vibrante de uma revolução heroica,
o resumo mavioso, elegante ou desbragado, generoso e maldi-
dizente, de uma epocha — gotta de mel ou de fel; gotta de
amor; gotta de sangue; gotta de agua corrente ou gotta de
vinho alegre; gotta de veneno ou gotta de balsamo; gotta de
essencia ou gotta de puz; gotta de oiro preciosa ou gotta de
chumbo pezada; gotta de suor fecundo, luzidio, entre as fainas
ruraes; gotta de philtro capitoso, entre os labios das mulhe-
res; gotta de sol, nas ruas, ao luar; gotta de luar, nos dias
tristes das alcovas; gotta perversa de absintho, nas baiucas
do vicio; gotta suave de leite, junto dos berços com somno.

Fluente, harmoniosa, communicativa — rapido arrepio ou
curta gargalhada; farrapo lançado á margem ou estrella fugi-
dia — a canção é, da litteratura, pelo ephemero, pelo attrahente,
pelo abordavel, a flor — flor de um dia ou de uma estação,
que nasce diversa em cada bocca onde desabrocha; flor que
facilmente se perde na terra, para que outras appareçam; flor
que, ás vezes, guardada como lembrança entre as paginas de
um livro, dura largo tempo e resurge de chofre mais tarde,
com a inedita seducção do seu aroma velho e da sua velha
cor, num outro seculo, em que as novas flores têm cor diversa
e perfume novo.



D'essas flores litterarias ou populares, que escolheram a França como torrão predilecto, trouxera-nos, não ha muito, Yvette Guilbert um ramo farto, magnifico, oloroso, cuja deliciosa fragrancia ainda, na memoria, se nos não evaporou de todo.

Na pequena serie dos seus espectaculos inolvidaveis, um houve que revestiu singulares attractivos, a *matinée* em que, com frivolos commentarios e arte não commum, fez ante nós deslizar delicadissimamente algumas das melhores canções francezas, de Thibault de Champagne a Francis James, da idade-media ao Trianon, da Arcadia ao *cabaret*.

Entre as da primeira parte da recita invulgar, uma das suas mais velhas canções me impressionou mais que todas: *C'est le Mai*, uma saudação primaveril, coreada por creanças, que a artista cantou, ao som do orgão, dentro de uma admiravel dalmatica medieval.

Lembro-me de ter gozado, ao ouvi-la, a alegria de reconhecer nesse mimoso trecho o modelo de uma canção introduzida por Gil Vicente no seu *Auto da Lusitania*:

Este he Maio, o Maio he este,

Este he Maio, e florece,

Este he Maio das rosas,

Este he Maio das fermosas,

Este he Maio e florece,

Este he Maio das flores,

Este he Maio dos amores,

Este he Maio e florece.

Visionei então a possibilidade de virem a cantar-se tambem, um dia, em Portugal as cantigas de outros tempos, conseguidos que para isso fossem um lettrado de gosto para a

escolha dos textos, um musico consciencioso, erudito, modesto, que se limitasse a restaurar-lhes com escrupulo as originarias toadas, e algumas interpretes de voz agradavel e fino tacto, capazes de lhes reviverem todo o encanto e toda a sin-geleza.

Desde os alvares da nacionalidade, todos os seculos portuguezes contribuiriam com o seu quinhão, quasi sempre abundante, dado que Portugal, desde remotas eras, vem sendo um paiz de cantadores, onde — abstrahindo do restricto significado francez — ha minas opulentissimas de canções, como, para não nomear mais ninguem, o citado Gil Vicente, prodigo em cantigas de vario genero, entre as quaes figura esta, composta e musicada por elle, e que, apezar de escripta em castelhano, é, se não pelo córte, pela ideia, das mais bellas de toda a litteratura nacional:

Muy graciosa es la doncella:

Como es bella y hermosa!

Digas tu, el marinero,

Que en las naves vivias,

Si la nave, ó la vela, o la estrella,

Es tan bella?

Digas tu, el caballero,

Que las armas vestias,

Si el caballo, ó las armas, ó la guerra,

Es tan bella?

Digas tu, el pastorcico,

Que el ganadico guardas,

Si el ganado, o las valles, ó la sierra,

Es tan bella?



Foi por tudo isso que com a melhor das disposições vi alvorecer no noticiario o projecto de algumas recitas com canções portuguezas — boa disposição, que o divulgar do programma do primeiro espectáculo abalou sensivelmente, pois tal programma, sem a minima representação da canção popular de qualquer ordem, representava, só por si, um inqualificavel mistiforio, em que, á laia de bodo, se incluíam de combalhada consagrados e novatos, poetas de alto vôo e versejadores desazados, varios desconhecidos illustres emparceirados com certos talentos muito authenticos, gloriosos e admirados por mim, mas que — com excepção de Augusto Gil, cujas quadras o povo perfilhou de vez — tinham tanto que ver com a canção portugueza como com a abertura do canal do Panamá.

O programma — onde até havia a excentricidade de figurar um numero *extra-programma* — era mau. Só pela aproximação destemperada de determinados nomes fazia sorrir quem ainda na vida se guie pelo a Cesar o que é de Cesar. Imaginem: Camões e D. Branca de Gonta; Guerra Junqueiro e Hermano Neves; Christovão Falcão e D. Cacilda de Castro; Thomaz Gonzaga e Machado Correia — as *Rimas* e a poesia de bastidor; *Os Simples* e as reportagens d'*A Capital*; *Chrisfal* e *Merlin e Viviane*; a *Marylia* e *Num Rufo* — tudo coisas, ou coisinhas, muito respeitaveis, mas que, por fatalidade talvez, se não medem pela mesma bitola.

No emtanto, a funcção da tarde de Domingo no Republica, memoravel nos annaes da lusa pepineira, teve o merito de exceder o programma.

Foi tudo quanto de peor, deseducador e abominavel, se possa imaginar; umas duas horas de applauso e embrutecimento, como só se passam eguaes em *clubs* de provincia ou em *assembleias* de praia.

Preside ao desastrado cometimento, que em nome da cultura e da belleza merecia excommunhão maior, e se deve regeitar em homenagem ao bom senso, o actor Azevedo, da Companhia do sr. Visconde de S. Luiz de Braga, a quem parece que, como artista, as coegas da celebridade não largam, e está mostrando com arrojo, ha uns tempos a esta parte, uma habilidade nótavel para dar cabo das ideias mais interessantes.

Decerto o leitor não esqueceu a tentativa deploravel de theatro ao ar livre no Jardim da Estrella, de noite, e com fogo d'artificio, ainda muito recente.

Pois, a poucos mezes d'essas tragedias de quatro ou cinco noites do verão passado, já o seu *Orestes*, protheicamente, nos surde com nova encarnação, volvido Bruant do Thesouro Velho.

Não resta duvida que a assignalavel passagem de Yvette Guilbert por Lisboa fez mal a certos actores de cá.

Temos todos visto Augusto Rosa, cujo valor o deveria collocar acima de taes influencias, *yvetteguilbertisar* com variações e onomatopeias a *Dança do Vento* de Affonso Lopes Vieira, e ainda outro dia tentar dizer-nos pelo mesmo processo *O Relogio e o Tempo*, de outro Affonso Lopes, o filho da grande escriptora brasileira D. Julia Lopes d'Almeida, Affonso Lopes d'Almeida.

Agora, é o actor Azevedo que se nos depara qual outro *Yvêto* — um *Yvêto* que, radiante de uma alegria desusada, fez na *matinée* do Republica — decididamente um theatro de surpresas — coisas do arco da velha.



Iniciou esse primeiro espectáculo da nova *Boîte à Azevedo* — Fursy de rabona e barba por fazer — Antonio Arroyo, entoando com afinação *La Femme du Marin*, e resumindo os

seus trabalhos sobre o relevo orographico das canções populares, bem como a sua subordinação ás condições geologicas, que collocam a charneca alemtejana a par da *steppe* russa.

Alexandre de Azevedo disse depois algumas palavras sobre a sua empreza, frisando que a intenção era boa, do que não duvido, e que a intenção era tudo — o que se viu não ser inteiramente verdade; e eis-nos nos dominios soporiferos da musica de Thomaz Borba, de uma petrea sensibilidade e de uma novidade mathusalemica, a choutar lazarenta atraz da linda *Moleirinha* de Guerra Junqueiro, transtornada pela dicção affectada que o novo Mayol lusitano lhe emprestou de cadeira:

*Toc, toc, toc, como se espaneja,
Lindo o jumentinho pela estrada chan!
Tão ingenuo e humilde, dá-me, salvo seja,
Dá-me até vontade de o levar á egreja,
Baptisar-lhe a alma, p'ra fazer christan!*

*Toc, toc, toc, e a moleirinha antiga,
Toda, toda branca, vae n'uma frescata...
Foi enfarinhada, sorridente amiga,
Pela mó da azenha com farinha triga,
Pelos anjos loiros com luar de prata!...*

Seguiram-se uns *Morangos* triviaes de Affonso Lopes Vieira, por Aura Abranches, desageitadinha no genero, com musica de Thomaz Borba, que estylisou mal o lindo pregão lisboeta, e uma *Modinha* de Luiz de Camões, seculo XVI, com musica, já se deixa ver, de Thomaz Borba, do seculo XX, por Azevedo.

Em quarto lugar, tivemos a *Eterna Canção* de Julio Dantas, cantada por Almeida Cruz — musicada, escuso de o dizer, por Thomaz Borba — e depois o *Outomno* de João de Barros, não musicado, por Thomaz Borba, mas por Luiz Filgueiras, que não sentiu os versos, cantados por Medina de Souza.

Ouvimos depois uma coisa a atirar para alegre, *Cegueira d'Amor*, de Machado Correia, com musica triste de Thomaz Borba, cantada por Azevedo, e, por Aura Abranches, a *Rola*

de Affonso Lopes Vieira, com musica demasiado arrulhante de Thomaz Borba, fechando esta primeira parte um *Duettino Pastoril* do Dr. Antonio Vianna, por Flora Dyson e Azevedo.

Entre a primeira e a segunda parte, o maestro Gialetti, de S. Carlos, fez ouvir, cantado por Medina de Souza, um trecho seu, bem trabalhado, sobre o *Minuetto macabro* de Israel Anahory, de que só logrei perceber a palavra *cemiterios*.

Na segunda parte, tivemos, a abrir, a agradavel *Cotovia* de Augusto Gil, com musica de Dias Costa, por Azevedo, e logo mais Thomaz Borba, com o *Pastor* de Affonso Lopes Vieira, cantarolado por Azevedo.

Veiu a seguir um dos grandes successos da tarde, *Andorinhas*, de Antonio Correia d'Oliveira, cantado por Almeida Cruz, com musica facil de Philippe Duarte. A poesia, que lhes vou dar a ler, transcrevendo-a do primeiro volume d'*A Aguia*, do Porto, é, em verdade, formosa:

*Onde ides vós, Andorinhas,
Tão alto, por esses ares?
Poisae! As ondas das arvores
Não matam como as dos mares.*

O que fazeis, Andorinhas,

A revoar de esse modo?!!

Bebestes a luz do sol:

Andaes tontinhas de todo.

Lá tão alto, aos redopios,

Andorinhas, que buscaes?

Onde fazer vossos ninhos?

— Mas o céu não tem beiraes!

Andorinhas, eu sei onde

Bem podeis fazer o ninho...

E' longe, mas tendes azas.

E o ceu, que lindo caminho!

*Andorinhas, não sabeis
A casa do meu Amor?
Sabem-na as fontes e os rios,
O mar e o mundo, em redor.*

*Vamos por ella, Andorinhas,
Seguindo o meu pensamento:
Vou comvosco em sonho — e o sonho
Tem azas como as do vento...*

*Ao largo, ao largo, Andorinhas.
Eu vou comvosco: é voar!
Tenho penas, tenho azas...
Pudera não! — sei amar.*

*Buscae a Estrêlla do Norte,
Valle em valle, monte em monte:
— A casa do meu Amor
Fica lhe mesmo defronte.*

*A casa do meu amor
Fica junto ao mar sagrado...
Fosse a minha alma a andorinha
Dos beirões do seu telhado!*

*Vamos! Ao largo, Andorinhas.
Vêde se me acompanhaes:
Azas de amor (tantas penas!)
Pezam mais, mas vôam mais.*

*A casa do meu Amor,
Regalo de quem lá mora...
Cheia de sol, lá por dentro;
Cheia de sol, cá por fóra.*

*Andorinhas, vá! Deixae-vos
De redopios, no ar.
As azas de amor são outras:
— Não sabem revoltar...*

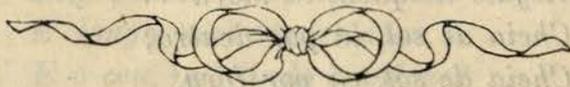
*Adeus, adeus, Andorinhas!
Antes vá só: vale mais...
— Andaes aos tombos, nos ares,
Tontas de sol como andaes.*

O decimo terceiro numero consistiu num epigrama de Augusto Gil, *O Amor*, cantado por Aura Abranches, com musica de Thomaz Borba, como foi de Thomaz Borba o seguinte, a *Balada do Mirandum*, dita por Azevedo com excessiva lamuria.

Seguiu-se a *Rosa Branca*, de Branca de Gonta, com musica de fado do Hylario por Thomaz Borba, bisada por Medina de Souza, e ainda de Thomaz Borba nos serviram a musica do *Eu era pobre, ainda bem* de João de Lemos, entoada por Azevedo, a que se seguiram *Senhora da Agonia* de Cacilda de Castro, com musica de Thomaz Del Negro, por Almeida Cruz, outro fado, *Canção de Outomno* de Luiz Trigueiros, musicado por Stuart Torrie e cantado por Medina de Souza, e, por ultimo, *Amor Campesino* de Hermano Neves, com musica de Wenceslau Pinto, por Medina de Souza.



Foi assim preenchida a primeira *matinée* da *Boîte à Azevedo*, de onde a canção portugueza sahiu, alliaz, pura, immacula, illibada, porque nem por sombras lá assomou para nada...



XXV — Uma carta da Saudade

Não é praxe d' **A Mascara** divulgar as poucas cartas que recebe. Abrirá, comtudo, pressurosa, uma excepção para esta, com que, ha dias, topou, surpresa, no seu correio, escripta em pallido papel violeta:

Sr. Chronista — Escrevo-lhe do meu penedo de Coimbra, pois, como deve saber, os filhos d'esta terra, de quem sou madrinha, ainda me não deram a torre com que ha tanto sonho. Não ignora certamente quem sou.

Sou aquella que, de Camões a Garrett, de D. Francisco Manoel a alguns modernos, todos os poetas portuguezes têm amado, respeitado, idolatrado. Até certo ponto, a musa mais querida de toda a litteratura da minha patria.

Agora, porem, vão apparecendo por ahi uns senhores, que são novos armados em velhos, dirigindo-me gracinhas ambiguas e tratando-me como nunca se tratou uma senhora: para mais, uma senhora como eu, que sendo, nos annos que levo vividos, como que vossa avó, sou, na belleza que ainda vos reservo, como que vossa noiva.

Confesso que não logro atinar com a razão d'esse inexplicavel modo de proceder — tão propositado, que, por uma brochura cinzenta ante-hontem aqui esquecida por um mancebo da hoste, vi ter-se constituido, na visinha cidade do Porto, uma *Sociedade de Arte, Sciencia e Critica Sócial* por quotas, que me pareceu maçonicamente apostada em dar cabo de mim.

Calcule que, de dentro da tal capa cinzenta, me surdiu um sujeito, a quem me não lembra de ter feito mal, arvorado em prégador das coisas mais terriveis e enigmaticas a meu respeito: que eu sou, nem mais, nem menos, *em ultima e profunda analyse* — como se eu me tivesse deixado examinar alguma vez — *o amor carnal espiritualizado pela Dôr ou o amor espiritual materializado pelo Desejo; o casamento do*

Beijo com a lagrima; Venus e a Virgem Maria numa só Mulher.

Quer maior desaforo? Em nome de quantas lagrimas tenho enxugado e de todos os beijos a que tenho redobrado o sabor, protesto indignada contra esses epithetos bombasticos, tirados da linguagem metaphysico-apostolico-transmontana do meu amigo, e ministro, Guerra Junqueiro. Eu, Venus? Eu, Virgem Maria? Eu, de futuro, Mulher com m grande, que é quasi um modo de deixar de o ser? E porque não tambem Pascoaes? Queira declarar em publico ao meu desamavel anniversario que eu não nasci em Chypro, nem proceei em Bethlem por obra e graça do espirito-santo. Vi a luz num coração namorado de portuguez, e estou contente com a minha sorte de companheira de ausentes.

Não saciado com esses desprimores, diz mais o illudido cavalheiro que me divido em *instinctiva e activa; consciente e contemplativa; e consciente e activa* — mas que trapalhada!

Não é nada d'isso. Sou indefinivel, inclassificavel, indivisivel, sempre a mesma, e essencialmente emotiva. Nunca fui Vasco da Gama, nem Viriato. Não faço parte de *comités*, que não sei o que significam na minha lingua. Não collaboro em revistas. Não concedo entrevistas. Não li o *Marános*. Não quero saber da vida alheia. E não estou para os aturar.

Jámais, tambem, fui Camões. O que fiz foi agazalha-lo, uma vez por outra, com meu manto verde-mar, porque — diga mais isso ao meu figadal inimigo — com o meu nome de tristezas, eu sou, no geral, um preludio de esperanças, e com o ar esqualido, abatido, choroso, que os homens me attribuem, muitas, muitas vezes, sou a melhor caricia — caricia que viaja invisivel e vae longe refrigerar as almas sequiosas.

Que os moços busquem e trilhem o seu caminho, está bem. Não os desanimarei. Mas que, faltos de ideias, queiram fazer de mim — ramo immortal e virente — seu bordão rasteiro, não me apraz consenti-lo de bom grado, e se a *Renascença Portuguesa*, do Porto, persistir nesse inglorio fadario de me desacreditar, eu, que vou a muito mais alto que a sua *Aguia cinzenta*, saudosamente lhe rezarei por alma. — A SAUDADE.



*** A MASCARA publicar-se-ha todos os sabbados, desde 15 d'outubro a 15 de julho, em folhetos de 16 a 32 paginas. ****

PREÇOS

AVULSO:

Portugal..... 50 réis
Brazil..... 250 réis (moeda fraca)

ASSIGNATURA (pagamento adiantado):

Cada serie de 10 numeros

Portugal..... 550 réis
Brazil..... 2\$500 réis (moeda fraca)

* Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida á LIVRARIA FERIN, EDITORA. BAPTISTA, TORRES & Ct.^a, 70, RUA NOVA DO ALMADA, 74.

* A que diga respeito ao auctor para a AVENIDA DA LIBERDADE, 178, 4.^o, Esq.^o ****

* Agentes d'A MASCARA:

* COIMBRA — LIVRARIA ACADEMICA de João de Moura Marques — 171, Rua Ferreira Borges, 173. ****